Moacyr Scliar, o cidadão

WREMIR SCLIAR
Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Diretor da Escola de Gestão e Controle Francisco Juruena, do Tribunal de Contas do Estado (RS), e professor do curso de Direito da PUCRS

MOACYR JAIME SCLIAR TOMA POSSE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (A CASA de Machado de Assis) como um escritor já consagrado, uma longa lista de quase 80 livros, traduzidos em 20 idiomas e uma coleção de prêmios brasileiros e internacionais.

Aquela noite no Rio de Janeiro, no centenário prédio, concretiza-se um dos momentos culminantes de uma carreira que se inicia em duas aldeias da Europa oriental: Tulchin, de onde vem sua mãe Sara, e Tomashpol, local do nascimento do seu pai José, ambas a oeste do rio Dienpr, então império czarista-russo, região denominada Bessarábia, na Rumânia, e atualmente Moldava.

Seu pai, com 7 anos, chega ao Brasil em 1914, com a avó do Moacyr, Ana, já viúva ainda jovem e uma prole de 13 filhos, dos quais sobrevivem apenas nove.

A sua mãe Sara com sua mãe Edith e o pai Abrão viriam logo depois e, primos (a avó paterna e o avô materno eram irmãos), José e Sara teriam quatro filhos: Moacyr, Wremyr e Marili. Uma filha – que se chamaria Rita, não sobreviveu ao parto.

Imigrantes pobres, inicialmente residiram nas imediações do rio Guaíba, onde certamente a moradia era mais barata, depois se mudam para o Bom Fim, onde permanecerão para sempre.

Nesta casa à beira rio, na casa da sua avó Ana, nasceram algumas sociedades comunitárias e ela era o ponto de referência dos imigrantes que vinham da Bessarábia. Seus filhos dormiam, então, no piso, para ceder a cama aos recém chegados, até que eles encontrassem uma moradia.

Dentre os imigrantes, um sonho: seus filhos teriam instrução, uma formação acadêmica e estariam plenamente adaptados à nova terra.

Da aldeia, o *shtetl*, uma herança: eram os pais de Moacyr exímios contadores de histórias, ouvidas com atenção entre os parentes, vizinhos e amigos. Nas noites quentes do Bom Fim (dormia-se com as janelas externas abertas), as histórias seguiam pela noite a dentro, até tarde, com muito chimarrão, longas gargalhadas, suspiros, e, por que não? a nostalgia da aldeia, dos parentes que ficaram...; nas noites de inverno, nas acanhadas salas das casas, o chá (alguém tinha um samovar) iam contando os casos, quem tinha chegado, que estava doente, como alguém conseguira comprar um casaco de pele, e assim por diante, até que a noite, já avançada, os obrigava a irem dormir, porque todos acordavam cedo para o trabalho.

As ruas do bairro tinham, de uma certa forma, a lembrança nostálgica das aldeias da Europa oriental. Se não pelo aspecto urbano, sim pela 'decoração' das casas, com as prateleiras de livros, as mesas arrumadas para as ceias familiares ou religiosas. Mas era o ambiente transportado das aldeias que vigorava no Bom Fim: a solidariedade e o interesse entre seus habitantes judeus e até com alguns gentios 'incorporados', como o empregado cristão do açougue *'kosher'* que falava *íidiche*, ou o garoto de cor, morador nos fundos de uma casa e que era aluno da escola israelita. A avó materna do Moacyr, Edith,

mas que todos chamavam carinhosamente de *bobe*, todas as manhãs percorria as ruas e de casa em casa visitava os doentes, conversava com os desempregados, dava conselhos nas brigas de casal, e isso transmitia a todos um sentido de comunidade e fraternidade que os tornavam mais seguros e felizes.

Eles tinham realmente uma nostalgia da vida que ficara para trás, mas isso era recompensado com as conversas, as anedotas e um 'clima' sadiamente saudosista e ao mesmo tempo feliz pela oportunidade de trabalho que aqui encontraram e de verem seus filhos como cidadãos em um nova terra.

Sara graduou-se na Escola Normal Primeiro de Maio, em 1935, retornou a Quatro Irmãos, e, em português e *íidiche*, alfabetizava os filhos dos colonos. Quando já residia em definitivo em Porto Alegre, lecionou na Escola de Educação e Cultura, na Av. Oswaldo Aranha, próximo ao Cinema Baltimore, e entre seus alunos, o Moacyr, filho mais velho.

Seu marido José era empregado na fábrica de um irmão, o Henrique, pai do Carlos Scliar, pintor, e Salomão Scliar, cineasta. Dessa vida simples, uma casinha de dois quartos, singela e quase sem móveis, a professora Sara fazia milagres (muito antes dos 'milagres econômicos') e conseguia economizar um pouco de dinheiro, gasto obrigatoriamente em livros adquiridos na Livraria do Globo. Um dia em cada mês, ela descia do bonde sobrecarregada de livros: Érico Veríssimo, Jorge Amado, Cronin, Viriato Corrêa, Machado de Assis, Roger Martin du Gard, Tolstoi, Tchecov e os clássicos franceses.

Como era impossível pagar os trabalhos de uma empregada doméstica, Sara abandonou o magistério e dedicou-se à família e especialmente à educação dos filhos. Não à complementação da educação, como seria de se esperar. A sua atuação como professora em casa era tão importante como o ensino formal para o Moacyr, na escola primária, no Rosário e depois no Júlio de Castilhos.

Certa vez, após a aula de violino do Moacyr (que foi abandonada porque o professor, obeso e baixo, batia-lhe nos dedos com o arco), Sara determinou aos dois filhos (Marili só nasceria em 1951) que fizessem uma redação por dia. Naquela época, ainda se denominava "redação": um texto de 30 linhas, cujo tema era dado por ela: 'Minha Professora'; 'O Por do Sol no Guaíba'; 'Minhas Férias', e assim por diante. Em algumas ocasiões, não indicava o título e a redação ficava mais difícil. Às 17 horas, todos os dias, após os temas formais escolares, a professora Sara, lápis em punho, na mesa de jantar (nunca houve jantar, só almoços dominicais, tal a penúria), fazia a leitura e correção dos textos.

Quando chegou o período de férias, no verão, o Moacyr pediu à mãe que também concedesse 'férias de redações'. Com a mesma voz doce de sempre, profunda e olhar penetrante, apesar dos olhos pequenos, Sara respondeu: 'Nas férias vocês não têm nada para fazer, portanto, serão duas redações por dia'.

Moacyr, que estava concluindo o primeiro ano ginasial do Colégio Rosário, com aulas de latim diariamente, fez, então, 60 redações em latim. O latim acompanhou o Moacyr para sempre. Não apenas a língua, que conseguia falar e escrever, segundo me disseram os padres e irmãos quando estudei Letras Clássicas na PUC, ou ainda décadas depois, quando Irmão Arnulfo (Celso Pedro Luft) e outros me lembravam, com vigor, o aluno brilhante que tinha sido o Moacyr no Colégio Rosário. Aliás, em um sábado pela manhã, fim de ano, fomos os dois a sua solenidade de conclusão da primeira série ginasial. Ele estava com o uniforme branco de gala, estilo militar, com um enorme cinto preto e uma fivela de metal, com o desenho do Cruzeiro do Sul. Começa a cerimônia e o reitor chama o primeiro homenageado: Moacyr, que volta com uma medalha na lapela; chama o segundo,

novamente o Moacyr e assim se seguindo. Homenageado em latim, física, matemática, português... Logo não haveria mais lugar para tantas medalhas. A mesma lapela que a dona Sara reservou para a Academia Brasileira de Letras e para o Presidente da República, Lula, abraçar em dois encontros exclusivos em Brasília: quando o Moacyr foi cumprimentado pela indicação para a Academia e depois, ao ouvir sugestões sobre políticas culturais.

Muitas crônicas semanais do Moacyr tinham citações em latim: Lucrécio, Ovídio. Tenho certeza de que eram escritas apenas pela sua memória.

Fico pensando, o que teria levado uma professora de *íidiche* a matricular um filho no colégio católico severo? A sua universalidade? O sentido da disciplina? Um filho que deveria ser sobretudo brasileiro? Passou o tempo, ficou a pergunta.

Quando Sara percebeu o talento do filho, pegou-o pela mão e segurando na outra mão um conto do Moacyr, subiram a Avenida Protásio Alves. Entraram em um bairro de alta classe média, com casarões em estilo colonial, alemão ou inglês e em frente à porta da residência de Erico Veríssimo, ela tocou a campainha. O escritor, já afamado, atendeu e ela pediu-lhe que lesse o texto do Moacyr. 'Agora mesmo', ela acrescentou. Com aquela insistência e decisão de uma mãe judia, o Erico leu na sala, com a porta entreaberta e devolveu o texto, recomendando à mãe-professora que fosse persistente com os textos do Moacyr. Quando dobraram a esquina, Sara e o filho Moacyr perceberam que tinham entregue um original no qual faltavam folhas...

Sara era uma exímia contadora de casos, o pai José, escassamente alfabetizado, tinha um dom teatral: reunia amigos (até os 92 anos) e ia contando, contando, e, não poucas vezes, interrompia para continuar no dia seguinte, nas calçadas, nas esquinas, no Bar João ou no Lar dos Velhos. Assim criava um clima de expectativa que foi objeto de uma reportagem no Correio do Povo.

No pós-II Guerra, vinham as cartas de Israel e da Europa, em *íidiche*. Os que não sabiam ler (escritas em alfabeto hebraico) traziam as cartas para a Sara ler.

Formava-se um semicírculo, todos atentos. Sara lia as cartas (eram muitas), provocando sorrisos, mãos que se esfregavam, cabeças que abanavam e também alguns soluços e lágrimas.

Muito tempo depois, descobri que as cartas não eram lidas em sua integralidade, devidos aos fatos trágicos que narravam, as mortes, as doenças, as dificuldades que passavam todos aqueles que ficaram ou emigraram. Para poupar os parentes, Sara ficcionava as histórias e, entre choros e risos, traziam mais cartas para ela ler.

O ambiente da família Scliar era muito ativo. Encontravam-se semanalmente, entre os parentes e os amigos, discutiam o fim da guerra, o stalinismo, a criação de Israel a situação política nacional, os livros de Jorge Amado ou Ilya Ehremburg, assim como as peças de Maria Della Costa, Cacilda Becker, ouviam óperas. Discutiam os esquerdistas, que iam de um arco desde os anarquistas até os sionistas de esquerda, passando pelos socialistas e até alguns nem tanto. Com muito chá e chimarrão.

As casas eram acanhadas, havia sofás rasgados, com molas expostas, cadeiras quebradas, as mesas eram gastas. Mas não faltavam a biblioteca e os quadros a óleo nas paredes. Afixavam Scliar, Vasco Prado, Zorávia Bettiol, reproduções gráficas da 'pomba da paz' de Picasso. Às vezes, vinha alguém declamar ou cantar (em uma dessas casas ouvi um coral de Brastislava que excursionava pelo Brasil, em outra ocasião vi José Lewgoy, ator da Atlântida ('Carnaval no Fogo').

Lembro do Moacyr atento a todas as discussões, e, embora criança e depois adolescente, ele também dava as suas opiniões.

O tio Henrique tinha uma chácara em Viamão, onde hoje estão os bairros Cecília (nome da sua primeira mulher) e Augusta (sua nora). Na chácara, com uma piscina natural de água corrente, ele acolhia todos que ali vinham aos domingos (até colocava um ônibus, por sua conta, em frente ao Círculo Israelita, na Protásio Alves, para trazer os que não tivessem automóvel). Sempre havia surpresas: uma apresentação de um cantor, um coral, e lá o Moacyr conversou pela primeira vez com Jorge Amado e viu como a Zélia narrava seus livros de memória. Também conheceu Pablo Neruda nesta chácara, Samuel Wainer (então ligado intensamente a Getúlio Vargas) e muitos artistas cineastas e pintores.

O Carlos Scliar, depois de ter sido pracinha na FEB e lutado em Milão e Florença, como cabo de artilharia, e produzido o jornal da FEB, com Rubem Braga, estudava pintura no Belas Artes de Paris, onde ficou quatro anos. Depois viajou pela Polônia, União Soviética, onde conheceu Picasso, tendo viajado pelo trem transiberiano até o extremo oriente.

No seu retorno, ele passou um domingo na nossa casa da rua Vasco da Gama, onde almoçou e contou a sua experiência. Costumava dizer que 'era preferível ser pobre em Paris do que rico em Porto Alegre'.

Esse ambiente de ebulição cultural e política no seio da família Scliar moldou o escritor, médico, judeu, marido e pai, e as muitas faces do Moacyr.

Creio mesmo que o 'Exército de um homem só' é a ficção maravilhosa de uma família marcante, que ainda tinha, além do cineasta Salomão ('Vento Norte', um longa gaúcho), a Esther, compositora e professora do Instituto Nacional de Música, por quem passou uma geração de grandes compositores brasileiros, e a Leonor, especialista em literatura, e muitos outros.

Era uma família cognominada de 'progressista'. Henrique era militante anarquista, Carlos, amigo de Prestes e Jorge Amado, Leonor foi exilada no Uruguai e muitos se dedicavam anonimamente a colar cartazes pedindo Paz, Pão e Terra. O Clube de Cultura, cujo auditório tem seu nome, foi obra liderada por Henrique e sediava uma organização laica, propulsora de atividades teatrais, musicais, conferências e muitos e muitos debates aos quais não faltaram Temperani Pereira, Rubem Maciel e mais um verdadeiro time de intelectuais em evidência no Estado e no País.

Nesse ambiente, Moacyr se torna escritor, muito antes de ser médico.

Garoto, ganha um concurso de crônicas promovido pelo jornal Folha da Tarde, instituindo o 'dia dos pais' no Estado. Com 'Carta a meu pai', vai a uma loja de sapatos buscar seu prêmio, escolhe um par e o vendedor lhe diz para escolher outro, no 'balaio' da liquidação...

Encaminha um conto para a União Internacional de Estudantes, cuja sede ficava em Praga, na rua Vocelova, 3 Praha, 2 (ainda existirá?). É o seu primeiro prêmio e a primeira publicação. Tinha iniciado o ginásio e tira o primeiro lugar em outro concurso de contos, agora no Júlio de Castilhos (conforme Flávio Tavares, a banca reconheceu logo o futuro escritor) Sucedem-se prêmios de uma imensa coleção que não terminariam mais: Casa de las Américas; quatro Jabutis (o principal prêmio literário brasileiro); um dos cem maiores escritores judeus (nos USA); condecorações dos governos gaúcho e paulista; patrono de feiras de livros (a lista é imensa). Em todos os prêmios, a cada nova edição de um livro, em português, inglês, alemão, francês, espanhol, tcheco, hebraico, presentes, ou já ausentes, Sara e José estariam apenas sorrindo, comedidamente, porque os êxitos e sucessos não os exaltavam, consideravam mais 'uma lição que

tinha que ser cumprida', algo como o resgate de vida que os expulsou da aldeia.

Quando Moacyr se gradua em medicina (também cursava História Natural), optou por seguir uma carreira social, aplicando a medicina de forma coletiva.

Em sua formatura, 1962, ano de agitações políticas no Rio Grande do Sul e no Brasil, Moacyr, como orador, parafraseou Ferreira Gullar: "quatro por minuto morrem de fome na América Latina".

Então, o diretor da faculdade, rompendo o protocolo, em plena solenidade, com a arrogância dos donos da verdade e uma voz de trovão, indagou ao Moacyr: 'onde está essa Canaã?'.

Moacyr respondeu-lhe com uma carreira médica brilhante: pós-graduado em saúde comunitária em Israel, doutor pela Universidade Fluminense e diretor e coordenador de vários e bem sucedidos programas de saúde pública, além de professor estimado na Faculdade Federal de Medicina.

Escrevia constantemente sobre medicina em jornais e revistas e mantinha-se atualizado, mesmo depois de aposentado.

Outra face, além do jovem médico e escritor, é o judeu Moacyr Scliar.

Quando adolescente, militou no Dror e depois no Hashomer, movimentos juvenis sionistas de esquerda, mas de orientações políticas diversas. Formou amizades que o tempo e as carreiras (até distâncias) não esmaeceram. Reunia-se, sempre que conseguia, com seus amigos, interessava-se pela saúde deles, dos seus filhos e prestava o auxílio fraterno ao seu alcance.

Com o judaísmo, a partir do Velho Testamento (e também do Novo) tinha uma relação emocional, de um lado, e racional, de outro.

Leu sempre Kafka, Freud, Spinoza, Shalom Aleichem, Singer, Philiph Roth e o último profeta, Karl Marx; compreendera e assimilara o caráter ético que perpassa o passado e o presente judeu. Essa era a sua relação judaico-ética: humanitário e amigo, disponível, atento e sobretudo fraterno com essa herança. Racional, porque se ligara ao pacifismo judaico, professando uma outra herança de solidariedade e igualdade. Penso que intencionalmente Moacyr construiu uma sólida ligação, um elo inquebrantável com o judaísmo a partir dos ensinamentos e dos seus sábios. As noites do Bom Fim, as reuniões familiares fizeram nele brotar e aflorar essa herança, como preâmbulo da sua personalidade, do seu pensamento e da sua obra.

Como filho, irmão, marido e pai, Moacyr completa o escritor e médico, o judeu universal do Bom Fim. Quando da sua doença e falecimento, recebi mensagens inesperadas: de um barbeiro, de um modesto policial militar, de um guardador de carros, ao lado das mensagens da Presidente Dilma Roussef, do Governador do Estado, do Presidente do Legislativo, do Judiciário, do Tribunal de Contas. De um professor da PUC, Molinaro, ouvi simplesmente: 'todos perdemos um irmão'.

Como se não bastasse, Moacyr foi um cidadão brasileiro e universal.

Cidadão, aliás, que é o assunto de um conto denominado 'O nascimento de um cidadão', incluído em uma coletânea de ensaios e teses em 'História da Cidadania'. O seu personagem perde o emprego, a família e até o nome, mas será sempre um cidadão.

Resta-nos reler a sua obra, redescobrir as recônditas delicadas frases poéticas, cheias de humor e sensibilidade, próprias do judaísmo e do universalismo humanitário, impregnadas pela ética e pela sabedoria, e encontrar em cada uma delas as lições da professora Sara e os exemplos do José.